

EDITORIAL

Presentes na memória e na saudade

Em 1954 a Conferência Mundial de Energia teve a sua reunião em Petrópolis; Ferreira Dias e Paulo de Barros participaram nela em representação de Portugal.

No primeiro número publicado pela ELECTRICIDADE — Número de Apresentação —, naquele seu modo tão peculiar e expressivo, contava Ferreira Dias do «embaraço» que ali tiveram os representantes de Portugal. «Haviam-se», diz, «preparado os Portugueses à partida para mostrarem aos Brasileiros os progressos da electrificação lusiada, arrumando no canto da mala algumas estatísticas do Repartidor Nacional de Cargas e fotografias das principais obras; iam ufanos de levarem mercadoria de bom toque, mas suspeitosos de não ser bastante a diversidade do artigo.

Pronto notaram o fundado da suspeita; para satisfazer quanto lhes era pedido, faltava-lhes uma comunicação regular, que expusesse com continuidade as doutrinas, os estudos e as obras que dão a alma e corpo à nossa lide electrificadora. Desse embaraço — último estímulo a decidir uma aspiração latente — nasceu, no Rio de Janeiro, a ideia de criar uma revista da electricidade portuguesa — que os progressos desta pareciam permitir e a sua divulgação parecia aconselhar».

Ao regressarem expõem esta ideia a diversas empresas. Obtêm adesões, forma-se a Empresa Editorial Electrotécnica Edel, Ld^a e, por fim, sai o primeiro número da ELECTRICIDADE.

Para Ferreira Dias e Paulo de Barros, a ELECTRICIDADE foi uma filha a que muito quiseram e a que muito se devotaram. Tive a honra de ser por ambos convidado para seu director. Desde a primeira hora pude assim testemunhar o grande amor que lhes consagravam e o convencimento de ambos do alto interesse desta publicação para a indústria.

Ferreira Dias só a viveu dez anos. Paulo de Barros não chegou a vivê-la quinze.

A ambos a morte arrebatou em pleno rendimento das suas capacidades de trabalho.

Para a ELECTRICIDADE, a perda de Ferreira Dias foi enorme. Desaparecia com a sua generosa personalidade um dos seus criadores e um dos seus maiores animadores. Ficava, porém, o outro que com ele a criara — Paulo de Barros. As nossas saudades, é certo, não se minoravam por esse facto mas aquela perda não fazia abalar a existência da ELECTRICIDADE porque o outro dos seus criadores lhe ficava a assegurar a protecção.

Hoje, já não estão, para a proteger nenhum dos seus criadores. É certo que a publicação já vai no seu décimo quinto ano de existência e a verdade manda que se diga que no decurso deste tempo se afirmou prestigiosa dentro e fora do país.

Presentemente, são numerosos os que tendo em alto apreço a sua missão lhe dão o melhor carinho: são os colaboradores sempre em maior número e sempre com artigos do maior interesse; são os proprietários, generosos, a dar-lhe o seu apoio financeiro; são uns e outros a reconhecerem a utilidade da indústria poder assim dispor de um órgão publicitário onde se exponham «com continuidade as doutrinas, os estudos, e as obras que dão alma à nossa lide electrificadora». A vida não consente desânimos.

Nem mesmo a certeza da morte justifica qualquer quebrantamento no agir por parte dos vivos. A ELECTRICIDADE vem cumprindo uma missão em prol da indústria portuguesa e prestígio do país que é forçoso que continue. Lenitivo para a saudade dos que partem, não é no desânimo que se deve buscar, mas na sua recordação e no honrar da sua memória. Os que em vida foram verdadeiramente amigos e admiradores destas duas personalidades que tanto dignificaram a engenharia portuguesa e a Pátria — Ferreira Dias e Paulo de Barros —, não têm, talvez, modo, simultaneamente mais significativo de testemunhar a amizade que lhes tiveram em vida e mais expressivo para suavizar as saudades deixadas, que acarinhar essa criação que, sendo dos dois, foi para ambos um ideal fervorosamente vivido — a ELECTRICIDADE ■